

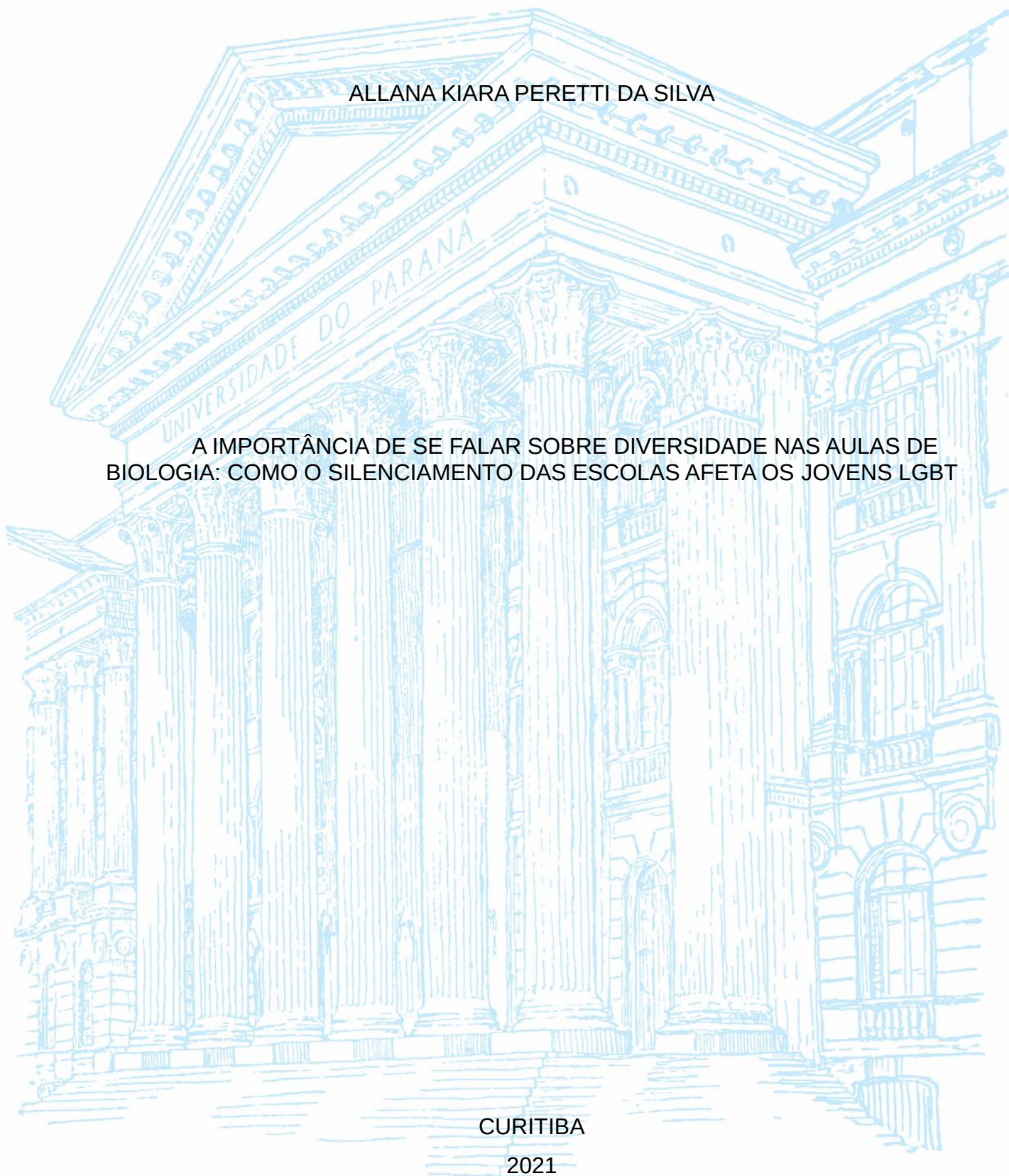
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALLANA KIARA PERETTI DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DE SE FALAR SOBRE DIVERSIDADE NAS AULAS DE
BIOLOGIA: COMO O SILENCIAMENTO DAS ESCOLAS AFETA OS JOVENS LGBT

CURITIBA

2021



ALLANA KIARA PERETTI DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DE SE FALAR SOBRE DIVERSIDADE NAS AULAS DE
BIOLOGIA: COMO O SILENCIAMENTO DAS ESCOLAS AFETA OS JOVENS LGBT

TCC apresentado ao curso de Graduação em
Ciências Biológicas, Setor de Ciências Biológicas,
Universidade Federal do Paraná, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciatura em
Biologia.

Orientadora: Profa. Dra. Megg Rayara Gomes de
Oliveira

CURITIBA

2021

Dedico esse trabalho a todos os meus amigos da comunidade LGBTQA+, que me inspiraram a escolher esse tema, e que, sem querer, me mostraram esse padrão de preconceito e sofrimento que todos aqueles que fogem do padrão cis heteronormativo passam nas escolas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar e com muito carinho, agradeço aos meus pais, que sempre se esforçaram para que eu tivesse acesso a uma educação de qualidade, e cujos esforços foram essenciais para que eu chegasse onde estou hoje, concluindo um curso de graduação em uma universidade pública de renome. Eles também me permitiram ter acesso a diversos professores que não só me inspiraram a seguir na área de docência, mas também me mostraram a diferença que um professor capacitado pode fazer na vida dos seus alunos. Em especial, agradeço a professora Aline Monteiro Cunha, que foi a minha maior inspiração para querer ser professora; a professora Ana Julia Donati, que até hoje representa a professora de biologia que eu quero ser; e ao professor Fabiano Mossato, que foi essencial no meu processo de compreensão de mundo e me mostrou que há muito mais à ser ensinado para os estudantes do que o sistema quer que eles aprendam.

Desprezar alguém por ser gay ou por ser lésbica é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo "compreensível". Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. Mas esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira. Por isso, sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano. (LOURO, 2007)

RESUMO

Este trabalho propõe que há uma necessidade urgente de mudanças no modelo de educação sexual que atualmente pode ser observado nas escolas durante o ensino médio, incluindo questões acerca da diversidade LGBTQIA+, de forma a amparar os estudantes que fazem parte dessa comunidade, e desconstruir o modelo de ensino que impõe fortemente um padrão cis heteronormativo. O referencial curricular de biologia para ensino médio no Paraná nos mostra como as escolas ainda trabalham com um modelo de educação sexual bastante obsoleto, que tenta impedir que os adolescentes tenham relações sexuais por meio do medo, seja de uma gravidez indesejada ou de ISTs, e perpetua a ideia de que existem apenas corpos cis e a única forma de se relacionar sexualmente é com alguém do sexo oposto. Esse silenciamento escolar acerca da diversidade afeta de várias formas negativas os adolescentes LGBT, e contribuem na formação de cidadãos homofóbicos e preconceituosos – fatores que são demonstrados pelo relato de cinco jovens LGBTQIA+ acerca da sua experiência escolar no ensino médio. Além disso, o crescente contato que os adolescentes vêm tendo com essa temática pelas mais diversas mídias reforçam a necessidade de que esses estudantes tenham acesso à informação de forma correta e de didática, adequadas à sua idade, sem ficar à mercê da internet – que pode ser muito nociva e inadequada.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação, Diversidade, Educação sexual

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

LGBT - Lesbicas, gays, bissexuais e transexuais

LGBTQIA+ - Lesbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers, intersexuais, assexuais e +

DST – Doença sexualmente transmissível

IST – Infecções sexualmente transmissíveis

PNE- Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 JUSTIFICATIVA.....	17
1.2 OBJETIVOS	19
1.2.1 Objetivo geral	19
1.2.2 Objetivos específicos.....	19
1.3 METODOLOGIA.....	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
3 MATERIAL E MÉTODOS	26
4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	27
4.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA PARA ENSINO MÉDIO, E DO REFERENCIAL CURRICULAR DE BIOLOGIA NO PARANÁ.....	27
4.2 ENTREVISTAS.....	30
4.2.1 Entrevista 1: Augusto.....	30
4.2.2 Entrevista 2: Amanda.....	32
4.2.3 Entrevista 3: Camila.....	33
4.2.4 Entrevista 4: Lilian.....	37
4.2.5 Entrevista 5: Giulia.....	40
4.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
6 REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

É um fato que as escolas são de crucial importância na formação dos adolescentes como cidadãos, e o que eles aprendem e vivenciam nesses espaços tem grande peso na construção das suas identidades e decisões. É essencial que nesse meio os jovens aprendam a conviver e respeitar as várias formas de diversidade. Isso inclusive está presente como diretriz no nosso PNE (plano nacional de educação): “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Aqui está incluída a diversidade de gênero e sexualidades, que apesar das polêmicas, é uma temática que está presente no mundo atual e com a qual os jovens têm cada vez mais contato por vários meios. Sendo assim, podemos considerar essencial que esses adolescentes tenham acesso a informação de forma adequada, aprendendo não só a respeitar o próximo, mas também a compreender o próprio corpo, evitando que esses alunos sofram com uma pressão sexista (que muitas vezes é fartamente reproduzido dentro das escolas) para se encaixar no chamado padrão cis heteronormativo. Tendo isto em vista, esse trabalho defende que há uma necessidade muito grande de que essa temática seja trabalhada nas escolas, juntamente com a parte de reprodução humana e educação sexual nas aulas de Biologia, e traz relatos de pessoas LGBTQIA+ durante o seu ensino médio que corroboram com essa necessidade.

Além disso, as crianças homossexuais são o maior alvo de bullying nas escolas, como demonstrado por uma pesquisa realizada em 2009 pela fipec (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), da USP, o que é um reflexo claro de que a homofobia e o sexismo estão enraizados até mesmo nas instituições de ensino que deveriam ser um ambiente acolhedor e seguro para todos os estudantes, independentemente das suas diferenças. Porém, o que vemos na prática é que grande parte das escolas e docentes ignora a existência dessa temática, ou mesmo a evita, principalmente por pressão dos pais e coordenação dos colégios ou questões religiosas (questões essas que normalmente estão fortemente entrelaçadas com o preconceito, e muitas vezes levam à imposição de uma cultura cristã e conservadora como única forma de viver/ser). Obviamente isso reforça ainda mais os preconceitos, o que além de contribuir para que os adolescentes se tornem adultos preconceituosos, acaba mantendo jovens LGBT “dentro do armário”, sem compreender o que está acontecendo com seu corpo e sem saber como lidar com isso. Essa falta de informações leva alguns adolescentes a buscarem respostas por outros meios, especialmente a internet. Embora isso seja bom, pois demonstra que o acesso a informação é cada vez maior e que os jovens

LGBT estão se “encontrando” nas redes; precisamos considerar que a internet é um ambiente que pode ser nocivo e conter informações equivocadas, ou inadequadas para a idade dos alunos – o que reforça a ideia de que é essencial que essas temáticas sejam, de fato, ensinadas nas escolas.

Infelizmente nos últimos anos pudemos observar um retrocesso com relação à pauta LGBT em geral, incluindo a sua relação com a educação. Atualmente falar sobre gênero e sexualidade é um tabu ainda mais forte do que já foi em tempos melhores, mas é importante manter o debate firme e fazer todo o possível para parar de reproduzir esse modelo nocivo de educação sexual, que não contempla nada além do padrão cis heteronormativo, impondo apenas um tipo de corpo, e uma forma de se relacionar amorosamente. As crianças têm direito não só à informação sobre seus corpos, mas também à uma educação inclusiva e a serem respeitados por todos, e nós como professores temos o dever de proporcionar isso à elas. Embora atualmente a escola ainda seja muito falha nessa missão, ela é essencial, porque é o ambiente que permite uma ruptura na passagem de ideias preconceituosas que vêm de pais conservadores, impedindo que a criança cresça em uma “bolha” e aprenda apenas o que os pais acham correto. Assim como as crianças LGBT, aquelas que não fazem parte dessa comunidade também têm o direito à informação que as prepare para viver em sociedade, respeitando e compreendendo o próximo. Essa ruptura é necessária para que os jovens que estão estudando agora sejam diferentes das gerações anteriores, que não conhecem a realidade de outras minorias e seguem há muito tempo ensinando o preconceito às suas crianças - e aqui vale lembrar que ninguém nasce homofóbico, mas sim, cresce em um meio que lhe ensina isso.

1.1 JUSTIFICATIVA

Infelizmente, as aulas sobre corpo e reprodução humana costumam deixar de lado diversas temáticas atuais e importantes, apresentando quase sempre um único modelo de corpo e sexo, que se encaixam no padrão cis-heteronormativo, ignorando a existência de outros corpos (também é comum essas aulas trabalharem fortemente a respeito de ISTs e gravidez na adolescência, numa tentativa não muito eficaz de incentivar os alunos a não fazer sexo). Esse padrão que observamos nas aulas de biologia já é problemático, e se torna ainda pior quando consideramos que atualmente boa parte dos jovens tem acesso fácil a internet e todo o seu conteúdo, que pode ser bastante inadequado e nocivo. Na minha vivência escolar como aluna e professora,

desde muito cedo alguns alunos tem contato com pornografia - e não é incomum levarem isso aos outros alunos, de forma que a maioria dos estudantes já chegam no ensino médio sabendo muito mais sobre sexo que os pais e professores acham. Isso mostra que uma educação sexual mais eficiente é extremamente necessária. Com isso em mente, podemos falar a respeito da inclusão da pauta Gênero e Sexualidade nessas aulas: atualmente, as crianças e adolescentes vêm tendo cada vez mais contato com a temática LGBT por diversas mídias, mesmo que os pais mais conservadores sejam contra essa normalização (em 2021, por exemplo, tivemos o primeiro beijo gay no programa Big Brother Brasil da rede Globo, entre um homem homossexual e um bissexual). Sendo assim, quando este assunto é ignorado nas escolas e as dúvidas dos alunos não são sanadas, alguns desses alunos buscam novamente informações por outros meios, especialmente a internet. Embora esse fácil acesso à informação tenha suas vantagens, não há filtro para esses adolescentes, e é comum haverem informações equivocadas e conteúdo que reforça vários preconceitos sexistas que existem na sociedade. Logo, evitar esses assuntos em sala de aula não impede que os estudantes tenham contato com o tema, mas impede que eles tenham acesso a informação de forma adequada, didática e inclusiva.

Além disso, quando a escola se mantém em silêncio sobre a existência de outros corpos e outras formas de se relacionar, acaba criando um ambiente que favorece a homofobia, e lembrando que as principais vítimas de bullying e discriminação nas escolas do Brasil são os homossexuais. Sendo assim, a escola acaba se tornando um ambiente nocivo para os adolescentes LGBT, que desenvolvem um sentimento de não pertencimento. Enfim, quando a escola deixa de se posicionar e trabalhar essas temáticas, os alunos que não se encaixam no padrão cis heteronormativo ficam desamparados, e os estereótipos sexistas que estão firmemente enraizados na nossa sociedade são reforçados - já que os alunos que trazem preconceitos de casa também não vão aprender a respeitar o próximo e as diversidades que existem, e os estudantes “neutros” acabam vivendo num meio que normaliza a marginalização da comunidade LGBT.

Por isso, esse trabalho propõe que essa temática seja devidamente trabalhada com alunos do ensino médio (que normalmente têm entre 14 e 17 anos), e busca documentar como o silenciamento das escolas pode afetar negativamente a vida dos jovens LGBT.

1.2 OBJETIVOS

O principal objetivo deste trabalho é entrevistar, relatar e analisar a experiência de cinco pessoas LGBTQA+ como estudantes, para observar de que formas o silenciamento escolar acerca da diversidade de gênero e sexualidade pode ter afetado a vida e o desenvolvimento desses jovens. A entrevista tem foco no ensino médio, visto que é a época escolar em que os alunos possuem idade mais adequada para que esses temas sejam trazidos, quando os adolescentes estão passando pela puberdade, descobrindo a sua sexualidade, e em processo de construção das suas identidades.

1.2.1 Objetivo geral

⑩ Observar, registrar e analisar por meio de entrevistas: a experiência de jovens LGBT nas escolas durante o ensino médio, e de que forma o possível silenciamento escolar acerca da diversidade de gênero e sexualidades os afetou.

1.2.2 Objetivos específicos

⑩ Examinar as diretrizes curriculares de Biologia para o ensino médio, com foco nos conteúdos de educação sexual;

⑩ Analisar livros didáticos de biologia usados atualmente no ensino público do paraná, buscando observar o que eles trazem como conteúdo de educação sexual;

⑩ Entrevistar 5 jovens LGBT que já finalizaram o ensino médio, registrando a sua experiência por meio de entrevista narrativa

1.3 METODOLOGIA

A pesquisa tem enfoque qualitativo, e será realizada por meio de entrevistas narrativas realizadas online, dependendo da disponibilidade dos entrevistados. Serão aplicadas questões a respeito da sexualidade do jovem, e como eles se sentem/sentiram a respeito da relação entre a sua sexualidade e as escolas, colegas,

professores e etc Os sujeitos da pesquisa (que terão sua identidade preservada) serão,:

- ⑩ 5 jovens da comunidade LGBT que já tenham finalizado o ensino médio, com o objetivo de obter relatos a partir de memórias de fatos vividos no passado, reinterpretados e ressignificados a partir de experiências novas e de percepções atuais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

De uma forma geral, a maioria dos trabalhos e estudos que tratam a respeito de como a temática de gênero e sexualidade deveriam ser trabalhados na escola de uma forma mais adequada, trazem como um ponto muito importante para a discussão o fato que vivemos em um mundo (e mais especificamente em um país) que ainda é muito homofóbico, e isso tem relação direta com a necessidade de trazer esses assuntos para dentro das escolas.

Desprezar alguém por ser *gay* ou por ser *lésbica* é, para mim, intolerável. No entanto, na nossa sociedade, essa parece ser uma atitude comum, corriqueira, talvez mesmo "compreensível". Conviver com um sistema de leis, de normas e de preceitos jurídicos, religiosos, morais ou educacionais que discriminam sujeitos porque suas práticas amorosas e sexuais não são heterossexuais é, para mim, intolerável. Mas esse quadro parece representar, em linhas mais ou menos gerais, a sociedade brasileira. Por isso, sinto-me autorizada a afirmar que a sexualidade ou as tensões em torno da sexualidade constituem-se numa questão que vale a pena colocar em primeiro plano. (LOURO, 2007)

Infelizmente, sabemos que isso é verdade. Mas não se trata de um problema que pode ser resolvido facilmente, são necessários grandes esforços vindo dos estudiosos da educação, e também da comunidade LGBT em geral. Ainda nas palavras da autora, "Essa é uma questão que se enraíza e se constitui nas instituições, nas normas, nos discursos, nas práticas que circulam e dão sentido a uma sociedade" (LOURO, 2007) É triste, mas podemos observar vários reflexos de como essa homofobia está realmente enraizada nas pessoas e instituições. Por exemplo, segundo dados publicados pela Folha de S. Paulo em 2016, 73% dos

estudantes entre 13 e 21 anos que se identificam como LGBT sofreram agressões verbais na escola no ano anterior, por causa da sua orientação sexual. Além disso, para estes estudantes a escola não é um ambiente tranquilo. Cerca de 60% dos estudantes que participaram da pesquisa alegam que se sentem inseguros dentro da instituição educacional, especialmente nos banheiros e aulas de educação física.

Aqui, é importante pontuar que isso também reflete o machismo, que caminha lado a lado com a homofobia. Por que esses são os dois ambientes mais temidos? Nas aulas de educação física, espera-se dos meninos um certo desempenho físico que demonstre a sua masculinidade e força. Quando um aluno não apresenta essas capacidades ou mesmo interesse nas atividades físicas, ele se torna alvo daqueles que se encaixam no padrão esperado. Já os banheiros, são locais em que há uma inevitável interação entre os corpos (que muitas vezes deixa esses alunos tensos e tímidos) e não há adultos supervisionando, tornando o ambiente um local propício para o bullying - que quase sempre vêm daqueles que se encaixam no padrão heteronormativo, colocando os diferentes em uma posição inferior. Vale constar que a pesquisa também demonstrou que o Brasil é, comparado a outros cinco países da América Latina onde a mesma pesquisa foi realizada, o país em que as crianças LGBT mais sofrem preconceito nas escolas. A pesquisa também registrou que mesmo com uma alta frequência de agressões, mais da metade dos jovens ouvidos alegam que nunca presenciaram uma intervenção por parte dos profissionais da escola em casos de LGBTfobia, e nem viram o tema ser abordado em aula.

Nada disso é estranho ou incomum para estudiosas/os e pesquisadoras/es que assumem como seus os campos de estudo de gênero e sexualidade. Para essas/es, não se coloca a necessidade de argumentar sobre a relevância, a pertinência ou a oportunidade dessas questões. Nesses campos, podemos assumir que temos todas/os preocupações políticas comuns: não admitimos a homofobia, a misoginia, o sexismo. (LOURO, 2007)

Segundo Toni Reis, secretário da educação da ABGLT na época, os professores têm medo de falar sobre o assunto e mexer com a cultura sexista que já está bem estabelecida. “Há um silenciamento e individualização por parte da escola. As pessoas veem e não querem tratar do assunto. Tratam como se as agressões fossem normais, coisa de adolescente. Mas isso magoa, chateia a causa até suicídio”, e isso limita o sucesso da escola na sua missão de desenvolvimento humano. E para piorar ainda mais esse cenário, vivemos uma época ruim tanto para

a educação, quanto para a comunidade LGBTQA+. Além do PNE (Plano Nacional de Educação) de 2014 ter sido sancionado, nos anos seguintes pudemos ver as estratégias para combater a desigualdade de gênero (que estavam lentamente melhorando) sendo retiradas da maioria dos planos de educação. E é inevitável falar que isso ocorreu devido à forte pressão de bancadas conservadoras e grupos religiosos. Para piorar ainda mais, teve início o governo Bolsonaro, que depois de demonstrar ser uma pessoa extremamente homofóbica, sexista e racista durante sua campanha, e confirmar isso diversas vezes depois da sua eleição, deixou as pessoas preconceituosas mais à vontade para expressar esse preconceito abertamente, e ainda iniciou uma “perseguição” a qualquer docente que se posicione a favor da diversidade para com os seus alunos. Ou seja, se os professores já tinham receio em tratar desse assunto devido à tabus e pressão dos pais ou da própria direção da escola, a atual situação política deixa tudo ainda pior, causando um enorme retrocesso.

Mais um problema que está relacionado aos professores e que também demonstra o enraizamento da LGBTfobia, é a falta de capacitação dos docentes para abordar o tema. Outra pesquisa com teor exploratório realizada em 2006 em São Paulo e publicada na Revista Brasileira de Enfermagem, chegou à conclusão que “a maioria dos professores não dispõe de conhecimentos suficientes para promoverem orientação sexual aos adolescentes” (JARDIM, 2006). Segundo os resultados do trabalho, os professores ficam mais focados no aspecto biológico da sexualidade do que nos valores e sentimentos que estão envolvidos. Logo, concluiu-se que são necessários programas de capacitação sobre sexualidade na adolescência para esses professores.

99% dos professores consideram importante a orientação sexual na escola, que segundo eles servirá para orientação e conscientização dos alunos preparando-os para a vida. Um professor ainda respondeu que “a escola é um espaço privilegiado para qualquer discussão”, concordando com Gherpelli(16) que considera a escola o local eleito para inserir no processo educacional a educação preventiva. Considerando a escola neste contexto privilegiado, apenas 36% dos professores referiram que a sua escola já desenvolveu alguma atividade em orientação sexual, sendo que 14% delas restritas a palestras isoladas realizadas por convidados. (JARDIM, 2006)

Como é de se imaginar, essa falta de capacitação dos professores é crítica quando falamos sobre implementar uma educação sexual inclusiva e abrangente nas escolas. Isso acaba levando a um silenciamento dos professores frente a situações de LGBTfobia, já que ele não sabe lidar com a situação. Então, quando os docentes não sabem como lidar com o tema e há tantos empecilhos para levar esse assunto para dentro de sala de aula, a escola acaba se tornando um ambiente favorável para o sexismo e a LGBTfobia continuarem instalados. “O currículo escolar, evidenciando a heteronormatividade pelo viés da reprodução de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), posiciona a escola como reprodutora de normas com relação a questões de gênero e sexualidade.” (ALMEIDA, 2021). Isso ocorre por que ao invisibilizar esse tema, a escola e todo o corpo estudantil estão invisibilizando seus estudantes LGBT e condizendo com o preconceito, colocando todos aqueles que não se encaixam no padrão heteronormativo como “diferentes” e reforçando o tabu que já existe. Patrícia Balestrin e Rosângela Soares (2015) trazem uma visão de que o currículo apresenta uma forma de aprender e aponta o que é ou não legítimo de ser ensinado, colocando a diversidade de gênero e sexualidades numa posição ilegítima quando se mantém em silêncio sobre ela.

Graciela Morgade (2015) aponta a área das Ciências Biológicas como ‘proprietária histórica’ da educação para a sexualidade, a partir do ensino do aparelho reprodutor, numa abordagem que acaba se restringindo à anatomia, fisiologia, gravidez e doenças, temáticas que, sozinhas, não garantem a efetividade em contemplar toda a gama de identidades de gênero e orientações sexuais que estão dentro da escola, tampouco contribuem para uma educação comprometida com a promoção das igualdades. Os currículos são impregnados de matrizes normativas que se refletem em rejeição da diversidade sexual e de tudo o que foge do padrão branco heteronormativo, alimentando a misoginia, a homofobia e o preconceito racial (Rogério JUNQUEIRA, 2010). Assim, a LGBTfobia não é somente consentida como também é ensinada no currículo, a partir de representações sociais que tornam a escola um espaço de construção de discriminações e de silenciamento de expressões não hegemônicas (PRADO; RIBEIRO, 2015). (ALMEIDA, 2021)

Embora a situação pareça ruim, podemos observar um número razoável de pesquisas acerca do gênero e sexualidade na educação. Isso demonstra que, apesar dos retrocessos e esforços em manter essa temática sempre como um tabu, temos um número cada vez maior de pesquisadores na educação realizando pesquisas e trazendo propostas nessa área. É importante manter a discussão sempre em pauta, especialmente em tempos desfavoráveis, e a UFPR cumpre com seu papel nessa “missão”, ao trazer matérias como Projeto Integrado em Corpo e Gênero para os alunos de licenciatura em biologia, e mantendo as pesquisas acadêmicas para discutir e trazer novos dados acerca do tema.

3 MATERIAL E MÉTODOS

A entrevista foi feita de forma bastante aberta, deixando os entrevistados livres para trazer qualquer questão que tenha marcado a sua adolescência como LGBTQIA+ na escola. O seguinte roteiro serviu como base:

1- Fale um pouco sobre a sua experiência como adolescente/jovem LGBTQA+ na escola, especialmente no ensino médio.

Daqui, a entrevista deve ser guiada conforme os pontos que cada entrevistado trazer. Deve-se levar em conta que os entrevistados são da comunidade LGBTQA+, então há um conhecimento prévio sobre a temática. Ainda assim, toda e qualquer dúvida deve ser sanada durante o diálogo.

Alguns pontos que precisam ser respondidos ao longo da entrevista, tentando identificar se houve um silenciamento acerca da diversidade de gênero e sexualidades por parte das escolas onde os entrevistados estudaram:

- ⑩ Na escola em que você cursou o ensino médio, como eram as aulas de Biologia sobre educação sexual/sistemas reprodutores?

- ⑩ Durante o seu ensino médio, em algum momento a escola trouxe para os estudantes a temática de gênero e sexualidade? E outros alunos?
- ⑩ Como a escola e seus funcionários lidavam com piadas e brincadeiras homofóbicas?
- ⑩ Hoje, você identifica algum padrão de LGBTfobia e/ou heteronormatividade compulsiva na escola em que cursou o ensino médio?
- ⑩ Esses fatores interferiram no seu processo de construção de identidade, aceitação como LGBTQA+, ou nas relações ao longo da sua vida?

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA PARA ENSINO MÉDIO, E DO REFERENCIAL CURRICULAR DE BIOLOGIA NO PARANÁ.

O livro de biologia que foi analisado trata-se do material didático que é atualmente usado nas escolas públicas do paraná. O título da obra   BIO 3, de Sonia Lopes e Sergio Rosso, editora Saraiva, 2016. Este livro traz um recorte apenas da biologia da reprodução e dos corpos, sem falar sobre as questões sociais ou afetivas que o envolvem, e muito menos acerca da diversidade de corpos, identidade de gênero e sexualidades que podem existir. Há muito mais ilustrações de genitálias e sistema reprodutor do que imagens de pessoas, dando a elas, e especialmente ao p nis, um papel de protagonista. Com isso em mente, vale constar que não há nenhuma imagem real de vaginas, ou mesmo seios. Isso mostra como o livro   mecânico ao tratar sobre o sexo, se limitando quase que exclusivamente aos fatores biológicos da reprodução.

A única coisa além de questões estritamente biológicas que é trazida a respeito de sexo é sobre gravidez na adolescência, DST's e métodos contraceptivos (apenas em relações heterossexuais). Como já sabemos, esses três pontos costumam ter grande destaque nas aulas sobre reprodução, normalmente numa tentativa de "assustar" os alunos para que não façam sexo. Um ponto positivo é que, diferente da

maioria dos materiais com intuito de chocar os estudantes, esse livro não traz imagens de genitálias machucadas, com feridas e pus, mas há apenas uma página de texto corrido falando sobre algumas doenças. Por um lado isso é bom pois rompe com a tentativa de apavorar os adolescentes que normalmente causa desconforto na maioria dos alunos, porém ainda se trata de um material massante e que os estudantes não irão aprender de fato.

A parte do livro que fala a respeito do sistema reprodutor feminino, colocando a vagina numa posição em que serve apenas para receber o pênis e dar a luz, deixando nas entrelinhas que apenas o sexo heterossexual existe. A explicação da vulva carece de imagens, e outra observação é que o livro não usa a palavra “prazer”, mas apenas “estímulo sexual”, como se o ato sexual existisse exclusivamente com a função de produzir descendentes e pondo os corpos numa posição de máquinas de reprodução heterossexuais. Eu considero essa uma das maiores falhas do livro, pois em algum momento os jovens terão uma vida sexual (além daqueles que já iniciaram essa vida no ensino médio), e irão entrar nela sem noção de como lidar com seu corpo e estímulos. Quando falamos das meninas isso se torna ainda pior, visto que o orgasmo feminino não ocorre de forma espontânea no ato sexual como o masculino. Logo, essas meninas que além de ter o pênis e a ejaculação do homem colocados como protagonistas também não tem seu corpo contemplado no livro e vêem seu prazer como um tabu, não terão uma vida sexual saudável e nem prazerosa, já que não houve orientação nenhuma para lidar e conhecer seu corpo, mas sim uma invisibilização do prazer feminino.

Apesar de todas essas falhas, como o livro se restringe às questões científicas da reprodução, há várias brechas para que o professor traga as diversidades ao longo do desenvolvimento do conteúdo. A imposição de casais heteronormativos ou de corpos cis no livro também não é tão forte, já que não há praticamente nenhuma imagem de um corpo nú, seja ele masculino ou feminino. Na única vez que esses corpos aparecem, eles estão numa posição de pouquíssima importância, apenas como parte da gametogênese - e embora não faça muito sentido não haver imagens de corpos nus no capítulo de reprodução humana (refletindo o tabu que existe acerca do corpo humano, que sempre associa nudez com algo erótico, impróprio ou inadequado), essa falta de corpos da abertura para que um professor devidamente preparado trabalhe com os corpos trans, desassociando a genitália da expressão de gênero dos indivíduos.

Enfim, como esperado, o livro apresenta um silenciamento muito forte sobre várias questões que deveriam estar presentes na educação sexual de adolescentes, inclusive sobre a diversidade LGBTQIA+. Acredito que ele não contempla as relações de corpo gênero e sexualidade, e nem mesmo é eficiente no que diz questão à biologia da reprodução humana. Isso é muito sério se pensarmos que trata-se do material que todos os alunos da rede pública de ensino do Paraná irão ter acesso. Por outro lado, acho válido reforçar que esse silenciamento deixa espaço para que o professor traga algumas questões que estão em falta. Ou seja, faltam muitas coisas no livro, mas essa falha pode ser usada “a nosso favor” se considerarmos que a falta de imagens diminui as imposições cis heteronormativas que costumam estar presentes com muita força na maioria dos materiais didáticos, e da liberdade para que o docente traga suas próprias imagens. Na minha visão, nas mãos de um professor preparado, esse material poderia ser utilizado como base para a questão biológica da reprodução (que, querendo ou não, ainda é importante de ser aprendida e cai em provas como vestibulares e ENEM), sendo necessário que o professor traga mais elementos para serem trabalhados com os alunos e explore as brechas que existem.

Analisando o referencial curricular para o ensino médio do paraná, também pode-se observar um silenciamento bastante preocupante. O mais próximo de “educação sexual” que podemos encontrar no documento está presente na unidade temática I: “Organização dos seres vivos e biodiversidade”, no objeto de conhecimento “saúde”. Vale constar que existe um objeto de conhecimento acerca dos sistemas biológicos, porém por algum motivo os sistemas reprodutores não estão incluídos nessa sessão.

REFERENCIAL CURRICULAR PARA O ENSINO MÉDIO DO PARANÁ
Sistema Estadual de Ensino do Paraná

(EM13CNT103) Utilizar o conhecimento sobre as radiações e suas origens para avaliar as potencialidades e os riscos de sua aplicação em equipamentos de uso cotidiano, na saúde, no ambiente, na indústria, na agricultura e na geração de energia elétrica. (EM13CNT207) Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar.	Sistemas biológicos	Sistemas Biológicos (Digestório, Respiratório, Cardiovascular, Urinário, Endócrino, Nervoso e Sensorial).
(EM13CNT207) Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar. (EM13CNT306) Avaliar os riscos envolvidos em atividades cotidianas, aplicando conhecimentos das Ciências da Natureza, para justificar o uso de equipamentos e recursos, bem como comportamentos de segurança, visando à integridade física, individual e coletiva, e socioambiental, podendo fazer uso de dispositivos e aplicativos digitais que viabilizem a estruturação de simulações de tais riscos. (EM13CNT308) Investigar e analisar o funcionamento de equipamentos elétricos e/ou eletrônicos e sistemas de automação para compreender as tecnologias contemporâneas e avaliar seus impactos sociais, culturais e ambientais.	Saúde	Drogas lícitas e ilícitas; gravidez na adolescência; infecções sexualmente transmissíveis (IST). Sistemas endócrino e nervoso (desenvolvimento do corpo). Tempo de uso de equipamentos eletrônicos e as possíveis consequências à saúde e ao meio ambiente.

Como podemos observar na imagem, o referencial curricular é extremamente falho no que diz respeito à educação sexual, sendo que o fato de essas questões estarem na mesma sessão que as aulas sobre drogas demonstra muito bem como esse tema é marginalizado, sempre associando o sexo a algo ruim/inadequado; e nem mesmo os sistemas reprodutores aparecem no documento de forma direta, o que para mim é bastante absurdo. Trata-se de um documento oficial e de alcance estadual, que traz como sugestão de conteúdo apenas gravidez na adolescência e ISTs – as duas temáticas “clássicas” que costumam ser trazidas para os alunos numa tentativa antiquada de fazer com que estes não façam sexo por medo, seja de doenças ou uma possível gravidez. Esse modelo de educação sexual é obsoleto e falho, além de privar os alunos de diversas informações as quais eles deveriam ter acesso, e corroborarem com a visão de que apenas o relacionamento heterossexual existe, ignorando qualquer outra forma de existir e se relacionar sexual ou amorosamente.

4.2 ENTREVISTAS

4.2.1 Entrevista 1: Augusto

O primeiro entrevistado foi um homem cis homossexual, de 21 anos, estudante de escola pública, que aqui chamaremos de Augusto. O entrevistado relata que o ensino médio foi uma fase difícil, em que ele estava descobrindo sua sexualidade, e que piadas e comentários homofóbicos eram bastante comuns, especialmente com um colega de turma que era assumidamente gay. Segundo o entrevistado, esse foi um fator que o deixava receoso com relação à própria sexualidade, questionando como os colegas iriam reagir, e como as coisas seriam caso ele se assumisse homossexual. Vale constar que ele sempre soube que “tinha algo diferente”, ou seja, que não se encaixava no padrão heteronormativo. Porém essa pressão imposta pela escola e colegas fazia com que ele questionasse os próprios sentimentos, e tivesse dificuldade em aceitar o que era, por medo da reação das pessoas e de sofrer homofobia. Quando foi questionado sobre como o corpo docente da escola lidava com essas situações, o entrevistado respondeu que “Eles lidavam não lidando”, ou seja, simplesmente ignoravam as atitudes homofóbicas vindas dos alunos. Uma frase que me chamou atenção e que mostra como esse silenciamento funciona como reforço para a homofobia, foi: “Se a professora não vai fazer nada, então a gente também não vai fazer”. Isso mostra que é sim dever do professor intervir situações de homofobia, pois na visão do estudante, ele está na posição de autoridade e de quem detém o conhecimento. Se essa pessoa não se posicionar, os estudantes também não terão coragem de fazer isso, e a ideia de que aquilo é algo normal vai sendo cada vez mais enraizada.

“Eu lembro que (...) essas piadinhas aconteciam em meio de aula, e teve uma vez que ameaçaram bater em um menino (...) simplesmente no meio da aula, sabe, e eu lembro que esse menino saiu chorando (...). Aí a professora que estava em sala não fez nada, e tocou a aula como se fosse a coisa mais normal do mundo, o que não é, e eu lembro que fiquei horrorizado com a situação”

Augusto também relata que mudava muito o seu comportamento dentro do ambiente escolar, especialmente para interagir com os outros meninos e evitar ser excluído do meio masculino. Aqui, podemos destacar que para ser considerado “parte” desse meio, era necessário falar sobre o seu interesse sexual em meninas - já que esse é o principal assunto entre adolescentes meninos heterossexuais, que estão cheios de hormônios, e na maioria das vezes não são ensinados a respeitar os corpos femininos. Aqui podemos observar outro problema sério, que é a

objetificação das mulheres desde antes mesmo de estes adolescentes iniciarem sua vida sexual. Isso também mostra que embora haja um interesse da escola em repreender pessoas *queer*, não há a menor preocupação com esse tipo de situação machista, que é muito recorrente. Além disso, as aulas de biologia sobre sistemas reprodutores se prendiam apenas à anatomia e DST 's, de forma superficial, e sempre ignorando qualquer forma de corpo ou relação que fuja do heteronormativo. Eram as aulas “clássicas” de educação sexual, onde há uma tentativa de impedir os adolescentes de fazerem sexo por meio do medo (seja medo de uma gravidez, ou de DST 's).

Apesar de tudo isso, um ponto determinante que Augusto traz, é que embora a escola fosse um ambiente que reforçava muito o padrão heteronormativo, ele tinha pessoas que eram como uma referência LGBT fora do ambiente escolar, e que lhe davam algum suporte. “Graças a elas eu não sofri tanto, e não ficava me cobrando pra me encaixar, por que foi a partir disso que eu comecei esse processo de autoconhecimento” (ou seja, a escola estava agindo como um bloqueio para esse processo). Segundo o próprio Augusto, ele teria tido seu psicológico muito mais prejudicado se não tivesse tido contato com outros ambientes e pessoas. A respeito de como todos esses fatores afetaram o Augusto, ele diz que

“Conviver com um ambiente que, querendo ou não, considera (...) qualquer característica sua como errada, afeta a gente negativamente. (...) Essa questão afeta muito na auto-estima, na questão da nossa segurança, e você cresce com receio e medo de ser você mesmo. E se você convive 100% nesse ambiente, isso afeta extremamente o seu psicológico, (...) principalmente em uma pessoa que está em desenvolvimento nessa fase da vida.”

Ele ainda defende que é extremamente importante que nessa idade (em média dos 14 aos 17 anos) esses adolescentes LGBTQA+ tenham alguém para falar sobre isso, ou ao menos mostrar que é algo que existe e que está tudo bem. Ele diz que ter alguém nessa posição facilita não só a auto aceitação das pessoas que são LGBTQA+, mas também a ensinar os outros a respeitar o próximo.

4.2.2 Entrevista 2: Amanda

A segunda entrevistada foi uma mulher cis e bissexual, de 21 anos, que cursou o ensino médio em escola particular, e aqui a chamaremos de Amanda. A primeira coisa que a entrevistada traz é que, em relação a outros alunos, a experiência no ensino médio “não foi muito legal”. Segundo Amanda, haviam alguns estudantes abertamente LGBT como ela, mas os outros alunos não tinham um “preparo” para lidar com essas pautas, e sempre associavam esses estudantes *queer* à esteriótipos. No que diz respeito aos docentes da escola, a entrevistada diz que enquanto alguns professores faziam piadas homofóbicas, mostrando uma falta de preparo para lidar com essas situações; havia outros mais “cabeça aberta”, a quem os alunos podiam recorrer para receber algum apoio ou falar sobre o assunto. Ela diz, ainda, que a maioria dos professores não gostavam de piadas com teor homofóbico, mas também não se pronunciavam.

Amanda foi a única entrevistada que teve acesso à informações sobre sexualidade e gênero no ensino médio, por meio de palestras e aulas. Ela relata que as professoras de Biologia eram capazes de dar aulas de educação sexual de uma forma “leve”, com brincadeiras saudáveis, passando o conteúdo de forma interessante e eficiente, de forma que fosse uma aula confortável para todos os estudantes. Isso nos mostra, como já sabemos, que alunos de escolas particulares costumam ter acesso à professores mais capacitados, e isso pode ter efeitos até mesmo em questões emocionais e psicológicas no adolescente, como observamos nessas situações. Também vale constar que a escola em que a entrevistada estudou dava uma liberdade aos seus docentes que a maioria dos professores não dispõe, e isso permitiu que eles trouxessem a temática de forma saudável para dentro da escola, com efeitos positivos sobre os seus alunos. A respeito da autoaceitação de Amanda, ela diz que a escola a afetou de forma positiva. “Era legal ter um espaço onde tinham conhecimentos sobre o assunto, que muitas vezes eu não via em outros lugares, e ver que ali estava ok, sabe? Tinha um assunto leve, sem preconceito, sem julgamentos”. Ela diz também que isso foi muito importante para conscientizar o restante dos estudantes, e que isso evitava que ela e os outros alunos LGBTQA+ sofressem preconceito.

Porém, vale constar que quando eu questionei se hoje ela identifica padrões de heteronormatividade compulsiva e homofobia, a resposta foi que “Era mais sossegado (que as outras escolas), mas ainda tinha bastante. Era algo mais velado”. Embora as aulas de Biologia sobre o assunto fossem boas e estas professoras estivessem mais preparadas que os outros, nas outras aulas os professores traziam mais estereótipos, diretamente ligados à questão da heteronormatividade. Ela comenta, também, que por mais que não houvesse um silenciamento completo da

escola, as questões de relações homossexuais sempre ficavam em segundo plano, enquanto a forma de se relacionar em destaque sempre foi a heterossexual. “O que eu senti falta no ensino médio, foi sobre como se proteger em relações homoafetivas. (...) Os casais Gays tem a parte mais teórica que o pessoal fala, mas quando o relacionamento é entre duas mulheres, falta muita coisa”. Todavia, no que diz respeito a aulas sobre proteção para relações sexuais homoafetivas entre homens, essas aulas estão mais ligadas ao esteriótipo que ainda relaciona homens gays à AIDS, do que realmente uma aula livre de preconceitos. Creio que esse relato nos mostra uma escola nos primeiros passos em direção à uma educação sexual inclusiva e adequada para os nossos adolescentes, e mesmo que ainda possamos identificar diversas falhas, já podemos observar um resultado positivo na vida dos estudantes *queer* que tiveram o privilégio de ter professoras de biologia preparadas e dispostas a trazer essa temática para dentro das escolas.

4.2.3 Entrevista 3: Camila

A próxima entrevistada é uma mulher cis e homossexual, de 23 anos, que cursou o ensino médio em escola pública, e aqui chamaremos de Camila. Ela traz um dos relatos mais intensos, por assim dizer, e ao meu ver ela foi a entrevistada que mais sofreu impactos negativos práticos na sua vida por conta do silenciamento escolar. Além disso, esta entrevista nos mostra como a questão da religiosidade está fortemente ligada à homofobia. Ela inicia a entrevista dizendo que

“Na época do ensino médio nem eu mesma me conhecia para me encaixar em alguma coisa, eu simplesmente me sentia um peixe fora d'água. E eu coloco uma parcela de culpa disso tudo no colégio. Por que? Por falta de informação. A gente não vai ter conhecimento de alguma coisa se ninguém trazer isso até a gente.”

Ela diz que tinha apenas um amigo gay que já tinha “se aceitado”, e ele sofria diversas forma de preconceito, desde homofobia vindo dos outros alunos (as quais além de não serem repreendidas pelos professores, e em alguns casos eram apoiadas por estes) até repressões por parte do próprio colégio.

Quando foi trazida a questão sobre como eram as aulas de educação sexual na sua escola, Camila disse que o tema nunca foi trazido para sala de aula, e que na verdade nunca teve nenhuma aula de educação sexual, nem mesmo no que diz respeito à anatomia e sistemas - o que nos mostra que infelizmente esse tipo de absurdo ainda é muito comum, onde adolescentes não têm acesso à informações que deveriam ser básicas por conta de tabus. Ela diz que, o único momento em que ela teve contato com algo parecido na escola, foi em uma palestra sobre o ciclo menstrual (que apenas as meninas assistiram) no ensino fundamental. Além disso, ela traz outro relato bastante problemático, sobre uma situação em que um pastor foi chamado pela diretora para fazer uma palestra contra o aborto. “Foi uma palestra exclusivamente sobre isso, o por que devemos ser contra o aborto, por que não se deve ter relações sexuais, e por que você precisa rezar muito (risos)”. Camila também conta que a diretora da escola obrigava os alunos a fazer orações antes do início da aula, e aqueles que não o faziam eram duramente punidos. Ou seja, a diretora da escola impunha a todos os estudantes a sua própria crença - coisa que em nenhuma situação é dever da escola, na verdade, é algo que não deveria acontecer. Nas palavras da entrevistada:

“Eu imagino que todos saibam, mas o país é laico, então teoricamente a gente não deveria ter uma força religiosa tão grande nos colégios públicos. (...) Mas independente da sua crença e da sua religião, você tinha que seguir o que era imposto pela diretora da época”.

O dever da escola é prover informação para seus estudantes, e não permitir que o seu diretor ou diretora imponha uma crença sobre seus alunos, inclusive punindo os que pensam de forma diferente. Isso mostra como as pessoas religiosas tendem a achar que têm o direito de impor suas crenças a todos, e se recusam a aceitar qualquer forma de diversidade, condenando e tentando apagar as crenças diferentes das suas. Porém esse negacionismo não faz com que os corpos considerados diferentes sumam, apenas os repreende tão fortemente que o adolescente se vê obrigado a agir de acordo com a norma, fingindo ser uma pessoa que não é, para evitar conflitos. E isso pode ter inúmeros impactos no psicológico e no emocional de um adolescente. Havia também uma imposição de um corpo branco, cis e magro, e uma exclusão daqueles que não se enquadravam nesse perfil. Camila relatou que além de homofobia, hoje ela também percebe que a escola

tinha várias situações de gordofobia. “Se não for padrão, é reprimido, é repudiado, é excluído, entre outras barbaridades”. Ou seja, não eram apenas os alunos LGBTQs que sofriam com essa imposição nociva de crenças. Outro grande problema é que esse tipo de situação, além de não dar suporte aos “diferentes”, faz com que os outros estudantes achem que tem o direito de oprimi-los, criando cidadãos preconceituosos e que vivem confortavelmente usufruindo do seu privilégio branco-hetero-cis, sem buscar questionar algo que não os atinge negativamente e sem respeito nenhum pelo próximo. Ao ser questionada sobre como tudo isso afetou o seu processo de construção de identidade e relacionamentos, Camila respondeu que

“Me atrapalhou em tudo (...) Ocasionalmente vários traumas, diferentes tipos de traumas, como não conseguir me relacionar com as pessoas, não conseguir me entender. Então teve muita coisa errada, foi uma construção errada. E eu vejo hoje em dia que não foi um fator só, foram vários, e que atrapalham muito, como eu falei, pra se relacionar com alguém, falar com alguém, enfim, de se abrir mesmo. (...) Me prejudicou muito, e eu sei que são coisas que eu vou levar pra minha vida infelizmente, e que vão continuar me atrapalhando.”

Outro ponto que a entrevistada traz é que se tivesse tido contato com a temática LGBTQ mais cedo na sua vida, isso teria feito toda a diferença - não só para se conhecer, mas entender que é algo normal e está tudo bem. Ela também diz que se não tivesse tido contato com a temática, teria continuado vivendo da mesma forma, “dentro do armário”. Ou seja, o posicionamento conservador e homofóbico imposto pela escola aos seus alunos deixou sequelas psicológicas que são difíceis de se superar na entrevistada, e provavelmente em diversos outros alunos - alunos estes que, depois de adultos, terão que lidar com essas “lacunas”. Isso mostra em primeira mão que o consentimento da escola com a homofobia deixa marcas nos adolescentes LGBTQA+ e faz com que eles vivam escondendo quem são, se negando a aceitar algo que faz parte deles, quer eles queiram ou não. E isso é ainda pior em situações, como a da Camila, onde a família também é religiosa e a pessoa não tem contato com outros grupos sociais e ambientes para lhes mostrar outros pontos de vista. No meu ver, a escola tem o dever de tirar os alunos da bolha em

que seus pais os inserem, dando acesso à informação para que a pessoa possa respeitar o próximo e decidir por si as suas crenças, e não passar a vida pensando que só existe uma forma de ser e se relacionar. Uma frase da entrevistada que reflete isso, é quando ela diz: “Eu demorei muito pra aprender que não era normal você aceitar simplesmente tudo que a pessoa está impondo para você.”, e “Você vê que tem alguma coisa ali que não está se encaixando. (...) Mas você muitas vezes não consegue identificar o que é. Você vê que tem algo estranho, mas não consegue solucionar aquilo e entender o que está acontecendo” Ou seja, ela cresceu e foi ensinada durante a maior parte da sua vida, que há apenas uma forma de existir e que ela não deve ser questionada, ao ponto de não compreender os seus próprios desejos e a sua sexualidade. Fica bem claro que a entrevistada necessitava de um suporte durante essa fase da sua vida, e para mim, isso mostra a urgência de ter professores capacitados para ensinar às crianças que elas não precisam aceitar todos os padrões que lhe são impostos. “Eu posso dizer com toda certeza que essas aulas fizeram muita falta, e eu tenho certeza que não foi só pra mim, mas pra todo mundo que frequentou o colégio, principalmente naquela época.”

4.2.4 Entrevista 4: Lilian

A próxima entrevistada é uma mulher trans e homossexual, mas que devido à pressão familiar, atualmente vive como homem socialmente. Aqui a chamaremos de Lilian. Ela começa a entrevista dizendo que as aulas de biologia sobre reprodução que teve contato são voltadas apenas para questões de “saúde”, falando principalmente sobre DST's, e sempre impondo um corpo binário como único possível - ou seja, homens são de um jeito, mulheres são de outro, e não existe nada além disso. Ela diz também que não culpa os professores pela ausência da temática LGBT nas escolas, e acredita que muitas vezes isso ocorre por que os professores estão sujeitos à desaprovação dos pais e da coordenação escolar, que os impede de trazer essas temáticas de forma plena para os estudantes. Lilian relata que nos casos em que seus professores falavam sobre assuntos que fugiam do padrão conservador, os próprios alunos falavam com seus pais, que por sua vez falavam com a diretoria, e os professores eram repreendidos.

Ela também relata uma confusão muito grande sobre seus sentimentos durante essa fase do ensino médio, como se por ser uma mulher trans ela tivesse que gostar de homens. “A gente acaba não conseguindo se identificar direito, porque é muito contraditório e ninguém está lá pra falar que você pode ser uma mulher no

corpo de um homem, e gostar de outra mulher ” Ela também diz que se identificar como pessoa trans é muito difícil, e compara com a homossexualidade - mesmo que de forma pejorativa, a maioria das crianças e adolescentes tem consciência de que existem pessoas gays e lésbicas. Porém, a transexualidade é muito menos comum de se observar em qualquer mídia, o que faz com que haja uma invisibilidade e silenciamento ainda maior do que quando estamos falando de homossexuais e bissexuais.

Nas palavras da entrevistada “Isso fora a questão da disforia, que a todo momento você quer se matar. Você olha no espelho e pensa ‘isso não sou eu, é nojento. Como é que eu vou ficar assim?’ “ Segundo a entrevistada, essa situação lhe causava um nojo de si mesma, e um sentimento de que ninguém nunca seria capaz de gostar dela. “Isso abala a autoestima no colégio, sabe? A gente se julga muito. É muito confuso falar disso, mas é o jeito que a gente se sente”. Ela também conta sobre problemas para usar o banheiro, e sobre como sofria por não poder usar o uniforme feminino. Ela diz que durante o ensino médio, foi considerada uma pessoa “tarada” e “extraviada”, quando na verdade o que a estudante desejava era se vestir como as outras meninas, e não abusar delas de qualquer forma

“Às vezes você tá olhando pra roupa da menina querendo usar aquilo, por exemplo quando você está olhando uma menina com calça leggin e você quer muito usar uma calça pra ficar daquele jeito, bonita. (...) Aí parece que você está secando a menina, e de repente você ganha uma taxaço de ser uma pessoa depravada”

Outro ponto relevante que Lilian trouxe foi a respeito do nome social, e como não é possível usar esse nome social nas escolas por questões de documentação.

“Eu conheço muitas meninas que simplesmente desistiram da escola por conta disso. Elas estão terminando o ensino no supletivo, por que elas não aguentaram ser tratadas como homens, sendo mulheres. E eu tive que engolir muito disso, e só fui me entender agora na faculdade. Antes eu ficava tentando me encaixar num padrão que não era, porque eu não tinha essa

liberdade. É diferente quando você está na faculdade, mas no ensino fundamental e médio, essa liberdade não existe a gente acaba se perdendo nisso. É horrível.”

Aqui vale fazer um comentário, pois a evasão escolar de pessoas transexuais é um problema bastante sério. Esse relato nos mostra que não é incomum que essas pessoas abandonem a escola por se sentirem errados dentro daquele ambiente, o que compromete toda a educação e formação dessas pessoas. Isso simplesmente porque a escola se recusa a tratá-los da forma como eles se identificam, causando um sentimento de disforia tão grande que a pessoa deixa de lado a sua própria educação básica.

Quando foi questionada acerca de como seria sua vida caso não tivesse tido contato com a pauta transexual na universidade, o que possibilitou que Lilian compreendesse seu gênero e sexualidade, ela diz que se não tivesse sido inserida nesse meio, provavelmente teria recorrido ao suicídio. Ela diz que passou por vários traumas, inclusive espancamento quando sua mãe a flagrou provando roupas femininas pela primeira vez aos 13 anos, e tudo isso a levava a se sentir como uma “aberração”.

“Eu achava que eu era uma vergonha por sentir esse tipo de desejo (usar roupas femininas), e a sensação é de que eu iria sempre ter que aceitar as coisas e que eu era uma aberração. Eu deveria ficar quietinha sem fazer p**** nenhuma, simplesmente porque é errado. Eu era a aberração, e se eu não ficasse quieta eu não merecia viver. E foi com essa sensação que eu entrei na faculdade, com fortes pensamentos suicidas.”

Essa foi sem dúvidas a parte mais dura de todas as entrevistas, em que Lilian nos mostra um caminho que todo esse conservadorismo estrutural quase a levou a seguir. Ela conta que quando entrou na universidade, estava se “preparando” para um suicídio, evitando criar laços, interagir com outras pessoas, e até mesmo fazer amigos.

“Isso afetou gravemente a minha socialização, porque eu simplesmente não queria ter ninguém pra tentar evitar a minha morte, e não queria ter ninguém pra se lamentar por mim e sofrer por minha causa. Eu estava me preparando para morrer. Muito disso por não me aceitar, e me ver como uma aberração que não deveria existir”

Isso nos mostra que o silenciamento escolar pode ser muito mais cruel do que as pessoas pensam, pois ele corrobora com o pensamento conservador ensinado para essas crianças durante toda a sua vida, muitas vezes dentro de suas próprias casas. A família de Lilian e uma sociedade fortemente nociva fizeram com que ela se sentisse indigna de viver, e a escola, além de deixar que esse processo acontecesse, auxiliou para que Lilian tivesse uma auto imagem distorcida e cruel, a ponto da estudante querer encerrar a própria vida para não continuar vivendo dessa forma. E isso é algo muito sério. Esse relato demonstra que a escola deveria ser um ambiente acolhedor e responsável por ensinar aos adolescentes que diversidade existe, que não há nada errado em ser diferente e que devemos sempre respeitar o próximo. Não podemos mais permitir que esses jovens acreditem que a sua única opção é viver na bolha conservadora e agressiva que seus pais impõe, vivendo uma vida de dor e sofrimento e se sentindo como uma aberração por algo que, além de não ser opção deles, não é problema algum. No meu ver, romper esse ciclo de violência e preconceito é sim dever da escola e dos professores. Além disso, mesmo que felizmente esse caso não tenha terminado com a morte de Lilian, os traumas e sequelas psicológicos que foram deixados na sua mente provavelmente nunca poderão ser completamente superados, e todos sabemos que há um número enorme de casos em que os jovens transsexuais recorrem ao suicídio de fato. O sistema cis-heteronormativo obriga nossos jovens LGBTQA+ a terem uma infância/adolescência cheia de sofrimento desnecessário, quando tudo que eles precisam é de orientação para que possam compreender e respeitar a si mesmos - orientação esta que deveria vir da escola, visto que disponibilizar conhecimento de qualidade e de forma didática é o seu objetivo, e é na escola que as crianças e adolescentes aprendem a viver em sociedade e interagir com as outras pessoas. Além disso, em casos como o de Lilian, em que o núcleo familiar é extremamente nocivo, o papel de acolher essas pessoas deveria ser da escola. Nenhum adolescente deveria ter que passar por tantos conflitos internos, tão intensos, sozinho e sem amparo algum

4.2.5 Entrevista 5: Giulia

A última pessoa entrevistada foi uma mulher cis e bissexual de 22 anos, que cursou o ensino médio em colégio particular e religioso, e aqui chamaremos de Giulia. Ela inicia a entrevista dizendo que durante o ensino médio ela mascarava a sua bissexualidade, e conta que a atração por meninas se revelava mais em situações que envolviam bebidas alcoólicas, nas quais ela costumava tomar a frente para ficar com outras meninas. Giulia diz que isso era algo que os seus colegas e amigos de escola "zoavam".

“Era um círculo social que não era muito saudável, e eu meio que queria estar no padrão deles. Era meio que uma vergonha pra mim, que eu não podia admitir. (...) os meninos que eu me relacionava tinham ciúmes das minhas amigas, não achavam muito legal, como se fosse algo errado, e isso me marcou. Eu ter que esconder.”

Isso nos mostra uma face da bifobia que está fortemente atrelada à promiscuidade e hipersexualização, especialmente quando se trata de mulheres. Giulia era julgada como se beijar outras meninas fosse algo indecente ou impróprio, e era tratada como se por ser uma pessoa bissexual, ela fosse incapaz de controlar os seus desejos sexuais.

Quando foi questionada sobre como eram as aulas de biologia sobre educação sexual, a entrevistada disse que nunca teve aulas ou palestras sobre isso, e o único contato que teve com aulas de reprodução humana foram no ensino fundamental, com aulas voltadas apenas para DSTs, métodos contraceptivos e gravidez. “O colégio que eu fiz o ensino médio era bem católico né, é um colégio católico com ensino religioso forte. (...) Era muito fechado, muito conservador, e nunca teve nenhum desses assuntos”. Ela conta que no terceiro ano do ensino médio ela mudou de colégio, porém era uma escola muito focada em vestibular, e o assunto também nunca apareceu.

Aqui podemos observar mais uma vez o problema de escolas com teor religioso, que impõe uma ideologia para os alunos, e que os priva de informações essenciais para os adolescentes, como aulas de educação sexual. Vale constar que não estamos falando apenas sobre diversidade de gênero e sexualidade, mas os alunos não aprenderam nem mesmo as questões biológicas da reprodução humana, quem dirá

as questões sociais/emocionais de um relacionamento e a respeitar a diversidade. Essa ideia conservadora de que não se pode falar sobre sexo com adolescentes, precisa urgentemente cair por terra, e não podemos mais permitir que pessoas imponham as suas crenças e religiões sobre adolescentes que estão em desenvolvimento e deveriam estar tendo contato com o mundo e acesso à informação por meio da escola. O papel das instituições de ensino é ensinar aos seus alunos, e não serem usadas como ferramenta de homogeneização numa tentativa de apagar qualquer forma de existir que fuja do padrão heteronormativo - coisa que parece ser um dos objetivos das escolas religiosas. Como professores, temos o dever de prover informação para os estudantes para que estes possam tomar suas próprias decisões e cumprir sua função como cidadãos, com base em uma educação neutra e libertadora. É absurdo que nos dias de hoje ainda vemos tantos docentes usarem da sua posição de poder para ensinar as coisas baseadas em uma religião que a escola ou o próprio professor segue, sendo que o estado é laico, e ninguém é obrigado a seguir as mesmas crenças que os outros.

Nesse ponto da entrevista, Giulia também expressa uma certa indignação com a falta dessa temática, e diz que nunca tinha parado para pensar nisso. Ela diz que isso é algo muito necessário e faria toda a diferença na vida dos estudantes. “Imagina! A minha vida teria sido muito menos dolorida nesse sentido, porque (...) eu achava que era uma coisa horrível, erradíssima”. Ela diz que haviam muitas brincadeirinhas pejorativas, as quais o corpo docente não censurava, e os alunos também não buscavam denunciar essas situações, e ela se sentia extremamente reprimida no ambiente escolar de uma forma geral. “Era meio que tudo na surdina, era muito silencioso, e tudo bem abafado” Mais uma vez, podemos observar como o silenciamento da escola corrobora para uma construção LGBTfóbica na cabeça dos adolescentes, como se o desejo de ficar com outras meninas fosse algo sujo e impróprio que deveria ser, nas palavras da entrevistada, reprimido.

“Esse silenciamento escolar me fazia achar que eu estava errada e que tinha que lutar contra muitas coisas que eu sentia, desejos e vontades... Era como se eu tivesse que lutar contra isso e voltar para o padrão. E isso me trouxe muito sofrimento desnecessário. Eu não sabia que as pessoas podiam ser bissexuais, eu sabia que elas podiam ser homossexuais, mas que (...) eram bastante julgados, como se fossem diferentes ou sei lá. (...) Eu não

sabia que ser bi era uma possibilidade real, então eu era muito reprimida. Esse silenciamento fez com que eu reprimisse totalmente a minha sexualidade, e eu só fui aprender e me conhecer bem quando eu entrei na faculdade.”

Ela conta que quando entrou na faculdade pública, ela teve contato com vários outros tipos de pessoas e a sua perspectiva mudou completamente. “Cara, existe tudo quanto é tipo de ser humano. E isso é perfeito, não é algo padrão, todo mundo igual”. Ela diz que essa mudança de ambiente e círculo social fez com que ela quisesse se abrir e expressar mais, colocando para fora o que ela sentia vontade, e isso permitiu que ela descobrisse de fato a sua sexualidade. No fim, ela expressa que embora hoje em dia viva bem consigo mesma, ter tido um acolhimento durante o ensino médio e alguém de dentro da escola para lhe mostrar que a diversidade existe, teria sido muito bom, e acredita que é algo muito necessário.

“Com mais pessoas estudando sobre isso, a gente sofre menos, se aceita mais, e fica mais fácil viver em harmonia com o ser humano, como comunidade. Lembrando que essas construções sociais são algo que a gente estava reproduzindo, de muito tempo atrás, e ainda temos muitas marcas meio... (risos) rudimentares né, marcas de sociedades que não existem mais. E agora a gente precisa mudar isso, tirar essas caixinhas.”

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Analisando os relatos dos entrevistados, podemos facilmente, com exceção da entrevistada Amanda, notar um padrão que se repete. Todos os outros entrevistados nutriam um sentimento de não pertencimento, de que estavam errados, como se seus desejos fossem algo depravado e que deveria ser fortemente reprimido para se encaixar no padrão que a escola os impunha. Lembrando que em nenhum momento a pressão negativa da escola fez com que os entrevistados conseguissem ignorar os

seus sentimentos e desejos, os quais também nunca foram reduzidos por essa pressão. Ou seja, trazer a diversidade para dentro de sala de aula não fará com que os adolescentes se tornem pervertidos e “virem” pessoas LGBT, pois isso não é uma opção da pessoa, é algo implícito de cada um e faz parte da diversidade natural que existe na humanidade. A única coisa que esse modelo educacional excludente faz com os seus estudantes LGBTQIA+, é sustentar o preconceito, alimentando nos adolescentes sentimentos ruins, e uma necessidade de fingir ser quem não é para evitar sofrer repressões, bullying, preconceito e etc. Eles nasceram assim e serão sempre assim, independentemente de expressarem essa “diferença” na escola ou em qualquer outro local.

Também podemos observar que os entrevistados compreenderam e aceitaram melhor o seu pertencimento à comunidade LGBTQIA+ depois de entrar na universidade, que é um ambiente muito diferente da bolha em que os adolescentes vivem até sair do ensino médio, e também um local onde as pessoas tem liberdade para ser quem são. Esse choque de realidade foi crucial para os jovens entrevistados, pois foi onde eles perceberam que, diferente do que lhes foi ensinado, não existe apenas uma forma de viver e se relacionar com o próximo. Isso é uma vivência que os adolescentes deveriam ter acesso desde cedo na sua vida, para que possam passar de forma adequada pelo seu processo de construção de identidade e relacionamentos, sem que fiquem sequelas psicológicas e emocionais oriundas de uma necessidade de se encaixar em um padrão que, como a entrevistada Giulia defende, nem existe mais. Essa tentativa de homogeneizar os jovens apenas reflete costumes conservadores que fazem parte de uma sociedade que, por sorte, já não é mais a sociedade em que vivemos. Felizmente, nos dias de hoje, nem todas as nossas crianças precisam esperar até entrar em uma universidade para ter contato com a diversidade que existe no “mundo real”. A mídia e redes sociais trazem cada vez mais para próximo da sociedade as questões de diversidade e várias outras pautas de preconceito, o que é com certeza algo a se comemorar. Porém, juntamente com isso vem os riscos da internet e das informações equivocadas, confusas, e mesmo nocivas que ela pode conter. E, claro, há também aqueles estudantes que se encaixam na heteronormatividade, e dificilmente irão de fato buscar informações acerca do tema, mas podem encontrar comunidades homofóbicas e bastante prejudiciais. Tudo isso demonstra uma necessidade ainda mais urgente de que haja uma orientação adequada para esses adolescentes que estão lentamente se descobrindo, e que a escola deve sim prover informações de forma correta e didática, adequada para a idade dos estudantes, não só acolhendo aqueles que precisam de colo, mas também

ensinando a respeitar o próximo e pondo um fim no ciclo de violência conservador que já vivenciamos há tanto tempo.

Ainda no que diz respeito à informações sobre a pauta LGBTQIA+ vindas de fora da escola, nas entrevistas pudemos observar que aqueles que tinham referências *queer* vindas de outros meios tiveram uma adolescência menos sofrida, pois essas pessoas tinham alguém para lhes amparar e mostrar que está tudo bem em ser “diferente”. Logo, esses jovens apenas fingiam ser quem não eram para serem aceitos em determinados ambientes, mas no fundo tinham algum amparo e consciência de que essa comunidade existia. Isso se mostra algo muito bom, mas aqueles que não tinham essas referências de fora, passaram por muito mais dor. Podemos dar um destaque aqui às entrevistadas Camila e à Lilian, sem dúvida as duas que mais sofreram e tiveram sequelas devido ao silenciamento escolar, ambas vindas de famílias bastante conservadoras, e que não lhes proporcionaram contato com outros meios que não aqueles os quais julgavam adequados. Essa inserção em uma “bolha” durante toda a adolescência trouxe muito sofrimento para ambas, que aprendiam em casa o preconceito, e tinham essa visão fortemente reforçada pela escola, causando até mesmo impulsos suicidas no caso de Lilian, e no caso da Camila, fez com que ela vivesse tentando/fingindo ser heterossexual pela maior parte da sua vida. Com isso em vista, reafirmo que a escola é exatamente o local em que os adolescentes deveriam ter contato com essa temática, de forma que haja um acesso adequado a informação e uma libertação das crenças que são impostas pelas famosas “famílias tradicionais”. O fato de os pais crerem em algo não quer dizer que seus filhos são obrigados a crer nisso também, e esses filhos têm o direito de conhecer o mundo e tomar suas próprias decisões, baseadas em informações sólidas e reais, não apenas no que os pais acreditam ser verdade. E a escola é justamente um ambiente em que todos estão reunidos, de igual para igual, com o objetivo de aprender.

Outro ponto muito importante que os entrevistados trouxeram à tona, foi a questão da religiosidade nas escolas. Todos eles tem pouco mais de 20 anos, então sua experiência no ensino médio não foi tanto tempo atrás, e mesmo assim houveram relatos de situações completamente absurdas - como um pastor dar uma palestra acerca de aborto. Trata-se de uma pessoa sem capacitação nenhuma para falar desse assunto, impondo uma visão machista e fortemente religiosa para jovens que estão em processo de formação como indivíduos de uma sociedade. Para mim, isso é literalmente uma lavagem cerebral feita nas crianças, ensinando as coisas de forma extremamente tendenciosa e muitas vezes equivocada, e impedindo que os estudantes tenham de fato acesso à informação. Para mim foi chocante observar que duas de cinco pessoas entrevistadas não tiveram acesso nenhum a aulas sobre

educação sexual durante a adolescência (a idade em que essas pessoas estão passando pela puberdade, com o corpo cheio de hormônios e a mente cheia de perguntas, descobrindo seus desejos e aprendendo a se relacionar com o próximo) simplesmente por que a direção da escola seguia uma religião cristã. Esses estudantes foram privados de informações sobre a sua própria saúde e corpos que são extremamente importantes para exercermos nossa cidadania de forma adequada, e deixados à mercê de tabus, preconceitos, e da internet - que, como sabemos, tem infinitos tipos de materiais pornográficos impróprios e nocivos, que corroboram com visões machistas e ajudam a criar homens que irão se tornar abusadores e não tem respeito nenhum pelo corpo do próximo, além de alimentar a rivalidade e objetificação femininas e os mais diversos tipos de preconceito, não apenas contra a comunidade LGBT. Ou seja, negar essas informações aos jovens não faz com que eles não tenham contato com assuntos ligados à sexo, mas ajuda a criar cidadãos que são ignorantes no que diz respeito à essa temática, e coloca em risco a saúde dos próprios adolescentes. Nós, como professores, precisamos agir como mediadores e fornecer informação aos nossos estudantes, desconstruindo o que está impregnado nas instituições escolares e religiosas.

Por fim, acredito que o material das entrevistas foi mais que suficiente para corroborar com a necessidade urgente de falar sobre a diversidade de gênero e sexualidades com os adolescentes no ensino médio. Os relatos mostram que o silenciamento escolar ajuda sim a criar pessoas LGBTfóbicas e preconceituosas, que usufruem do seu privilégio como pessoas cis e heterossexuais sem nunca questionar esse sistema que os privilegia de diversas formas, e acham que tem mais direitos do que aqueles que não se encaixam no mesmo padrão que eles. Também ficou claro que a falta de amparo que essas pessoas passaram durante a sua adolescência, além de causar muito sofrimento desnecessário durante essa fase, deixou diversas marcas, desde problemas de relacionamento e auto estima, até tendências suicidas e nojo de si mesmo e do próprio corpo. Também ficou claro que mesmo com tantas tentativas de reprimir a diversidade presente nos estudantes, o silêncio da escola não impede que as pessoas LGBTQIA+ sejam quem são, e não faz com que eles se tornem padrões, mas apenas lhes causa dor e sofrimento em uma fase da vida que deveria ser leve e de auto descoberta. Sendo assim, posso afirmar que esse deveria sim ser um tema obrigatório nas aulas de educação sexual em biologia - os alunos tem o direito de aprender, desde a reprodução e questões celulares/embrionárias, métodos contraceptivos (inclusive para relações homossexuais), questões sociais e emocionais que envolvem um relacionamento amoroso; até às questões acerca da diversidade LGBTQIA+, que ensinam a respeitar o próximo e dão um amparo para os

estudantes justamente na fase em que eles estão descobrindo a sua sexualidade, que é quando eles mais precisam de apoio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados e do resultado observado nas entrevistas, os quais corroboram entre si, podemos concluir que o silêncio das escolas sobre a diversidade de gênero e sexualidades é nociva de várias formas, pois esse silenciamento cria um ambiente propício para que o preconceito continue bem enraizado nas instituições de ensino, sendo reproduzido pelos próprios alunos e corpo docente, criando cidadãos homofóbicos e sem respeito pelo próximo. Além disso, essa falta de amparo cria um sentimento de não pertencimento nos estudantes que desviam do padrão cis heteronormativo esperado e imposto, fazendo com que eles se sintam “errados” e tentem reprimir seus desejos e sentimentos para se encaixar nesse padrão.

Só isso é o suficiente para demonstrar a necessidade dessas temáticas serem trazidas para a escola, mas também há outros fatores que corroboram com essa visão – como o fato de a educação sexual ensinada nas escolas ser ridiculamente falha, sendo que o próprio referencial curricular do ensino médio paranaense traz apenas gravidez na adolescência e ISTs como sugestão de temas, e nem mesmo os sistemas reprodutores são citados nenhuma vez. Isso é muito sério e mostra que nossos adolescentes irão concluir o ensino básico sem informações que deveriam ser básicas sobre seu próprio corpo e saúde. Em escolas religiosas, isso é ainda pior. Outro ponto relevante é o fato que, como sabemos, todos esses adolescentes tem acesso fácil a internet, que contém todos os tipos de materiais pornográficos. Não é surpresa para ninguém que estudantes do ensino médio (e as vezes até mesmo antes do ensino médio) compartilham pornografia entre si e falam sobre sexo. Então, além de toda a questão da homofobia, o silenciamento das escolas também faz com que as únicas referências sobre esse tema que os adolescentes tenham sejam a internet e os outros adolescentes. Quanto mais os estudantes carecerem de informações adequadas sobre educação sexual, mais eles irão se basear nessas fontes duvidosas.

Sendo assim, podemos afirmar que a necessidade de uma mudança no modelo de educação sexual é real e urgente.

REFERÊNCIAS

Louro, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. *Educação em Revista* [online]. 2007, n. 46 [Acessado 5 Junho 2021] , pp. 201-218. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200008>>. Epub 11 Jan 2008. ISSN 1982-6621. <https://doi.org/10.1590/S0102-46982007000200008>.

BENEDITO COLIS, Eduardo; LEMOS DE SOUZA, Leonardo. Infâncias, Gênero e Sexualidades: Uma Investigação-Intervenção com Professores de Educação infantil. *Rev. latinoam. educ. inclusiva*, Santiago , v. 14, n. 1, p. 53-68, jun. 2020 . Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-73782020000100053&lng=es&nrm=iso>. accedido en 05 jun. 2021. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-73782020000100053>.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de: O diabo em forma de gente: (r) existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017. 190f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

Jardim, Dulcilene Pereira e Brêtas, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2006, v. 59, n. 2 [Acessado 7 Junho 2021] , pp. 157-162. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000200007>>. Epub 20 Jun 2008. ISSN 1984-0446. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000200007>.

Almeida, Ana Laura e Soares, Rosângela Rodrigues. Narrativas de mulheres lésbicas sobre as vivências no cotidiano e no período escolar. *Revista Estudos Feministas* [online]. 2021, v. 29, n. 1 [Acessado 7 Junho 2021] , e67625. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167625>>. Epub 30 Abr 2021. ISSN 1806-9584. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167625>.

Misorelli, Giuliana Vasco de Paula. A história LGBTQ+: um desafio pedagógico contra a intolerância. LEMAD - HISTÓRIA, LABORATÓRIO DE ENSINO E MATERIAL DIDÁTICO. [Acessado 7 Junho 2021] Disponível em: <http://lemad.fflch.usp.br/node/5799>.

SALDAÑA, Paula. Homofobia na escola. Comunica que muda by nova/sb. Disponível em <<https://www.comunicaquemuda.com.br/homofobia-na-escola/>>. [Acessado 7 Junho 2021]

CAETANO, Marcio. Performatividades reguladas: heteronormatividades, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.

BUSIN, Valéria Melk. Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

AZEVEDO, Suse Mayre Martins e SOUZA, Marcos Lopes. Discussões de gênero e sexualidade por professores de Biologia: uma análise de artigos publicados em revistas enquadradas na área de ensino de ciências. UESB - universidade estadual do sudoeste da Bahia [Acessado 7 Junho 2021] Disponível em: http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viiienpec/resumos/R_0078-1.pdf

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1977. FOUCAULT, Michel.

ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. A pedagogia do medo: as diversas faces do mal no cristianismo. Acesso em: 3 nov. 2021.